

Uma ode ao cinema capixaba.

Hudson Moura¹

Uma história se consolida através de quais pré-requisitos? O que precisamos para firmar a história do audiovisual e do cinema capixaba?

Um dia o Espírito Santo sonhou em se consolidar como um pólo de produção de filmes. No entanto este pólo teve uma história que no final rendeu alguns frutos, mas poucos deles verdadeiramente capixabas. Vimos Vitória se tornar Rio (*Vagas para moças de fino trato* de Paulo Thiago, 1993), produtores e diretores locais se tornarem técnicos e assistentes (*Lamarca* de Sergio Resende, 1994) e atores capixabas se tornarem figurantes (*Fica comigo* de Tizuka Yamasaki, 1998) em filmes financiados quase inteiramente pelo governo capixaba. Parecíamos viver dentro de produções cariocas ou paulistas com locações em Vitória. No entanto, o dinheiro governamental secou e assim as produções definharam. Estávamos em plena recessão do cinema nacional pós-Collor de Mello, uma era negra onde se produziam pouquíssimos ou quase nenhum filme brasileiro.

¹ Este texto foi publicado pela Revista Target em novembro de 2005, e fez parte do projeto de uma série documental que coordenei sobre a estética e o processo criativo do audiovisual capixaba, que resultou em dois documentários enfocando os cineastas Ricardo Sá (*Da resistência à Sabotagem*, 2003, 21 min) e Amylton de Almeida (*Os arquivos secretos de Amylton*, 2004, 54 min) na Faculdade Novo Milênio.

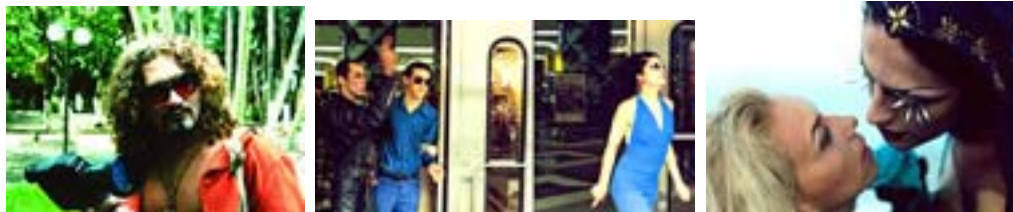


O amor está no ar (1997, 85 min) Eliane Giardini e Marcos Palmeira

No entanto, eis que surge o tão esperado sonho de uma real produção do cinema capixaba capitaneada pelo crítico Amylton de Almeida. Assim, após fomentar a produção de vídeos e a crítica cinematográfica durante décadas no estado, Amylton consegue deixar como legado o único longa de ficção capixaba em película: *O amor está no ar*, concluído em 1997 após a morte do jornalista. O filme é uma aula da história do cinema onde o crítico parece colocar todo o seu conhecimento e referências cinematográficas na tela. São patentes as influências do cinema alemão de Werner Fassbinder e o do melodrama hollywoodiano de Douglas Sirk, mas com uma história genuinamente local.

A história foi avançando e o Vitória Cine Vídeo foi se firmando como um importante instrumento para a divulgação da produção local. O festival foi ganhando experiência, competência e respeito até entrar para o circuito nacional dos festivais brasileiros. Na última edição do

festival, os capixabas participaram com 21 vídeos e quatro curtas-metragens, sendo que dois deles estiveram na mostra competitiva: *Céu de Anil*, de Lizando Nunes, e *Sabotagem da Moqueca Real*, de Ricardo Sá.



Sabotagem (2003, 14 min) Reginaldo Secundo, Elaine Rowena, Suely Simão

Esses dois filmes em particular tem por mérito mostrar a qualidade da produção e do trabalho artístico e moderno do cinema capixaba. Se em *Céu de Anil* podemos ver referências e qualidades técnicas de filmes americanos como os do cineasta David Lynch, onde o real parece ser apenas um resquício de um sonho; em *Sabotagem* vemos a modernidade da fusão das mídias e das imagens (35mm, super 8, TV e vídeo) aliadas a um discurso extremamente crítico e provocador, típico dos filmes políticos dos anos 70. No entanto, a moqueca real a que se refere o filme, não é real, mas midiática. Ela se constrói no espaço das mídias. É através da mídia que ela se materializa e se consolida: a panela de barro, o símbolo capixaba, a caixa de Kellog's, símbolo do consumismo à la americana. O filme busca quebrar dentro da representação a própria representação e abrir um diálogo sobre a nossa impotência e estagnação de não provocar mais diálogos. Pena que a mídia não conseguiu acompanhar a proposta e continuar o debate. O que nos falta para começarmos a dialogar com a nossa arte?



Cineasta Ricardo Sá

A vontade de fazer cinema continua, o talento existe, o potencial da cidade é grande. Os capixabas querem cada vez mais fazer filmes, colocar a sua cara nas telas e se identificar com os personagens. Assim nos ensina a trajetória do Cinema Capixaba que apesar de ter poucas produções têm qualidade e já constitui uma história.